

O luxo da Aldeia: a produção social de lugares da branquitude em Fortaleza

GEÍSA MATTOS*

Resumo: A Aldeota é um bairro da cidade de Fortaleza (CE) que começou a adquirir o significado de status e prestígio social na linguagem local a partir da década de 1960. Reflito neste artigo sobre a produção social deste bairro, como espaço característico da branquitude na cidade (LEFEBVRE, 2000). Em busca da subjetividade envolvida nos modos de dar sentido ao lugar, analiso a literatura produzida por cronistas, poetas, cientistas sociais e urbanistas sobre a Aldeota, complementada por registros sobre o lugar nas mídias sociais digitais contemporâneas. Além disso, utilizo-me de minha própria experiência de vida morando no bairro ou próximo a este como vantagem metodológica, que, combinada às molduras teóricas dos Estudos Críticos da Branquitude possibilitam “estranhar o familiar”. O artigo traz evidências das diferenças nos padrões de moradia, nos usos do espaço e na apropriação subjetiva da Aldeota para brancos e negros que coabitam o mesmo bairro.

Palavras-chave: Aldeota; Fortaleza; Branquitude; Segregação Racial; Espaço Urbano

The luxury of the Village: the social production of white spaces in Fortaleza

Abstract: Aldeota is a neighborhood that, in Fortaleza, began to acquire the meaning of social status and prestige in the local language from the 1960s onwards. I reflect in this article on the social production of this neighborhood (LEFEBVRE, 2000), as a characteristic space of whiteness in the city. In search of the subjectivity involved in the ways of giving meaning to the place, I analyze the literature produced by writers, poets, social scientists and urban researchers about Aldeota, complemented by records about the place in contemporary social media. Furthermore, I use my own entire life experience living in or near the neighborhood as a methodological advantage, which, combined with the theoretical frameworks of the Critical Whiteness Studies, make it possible to “strange the familiar”. The article provides evidence of the differences in housing patterns, in the uses of space and in the subjective appropriation of Aldeota for whites and blacks who co-inhabit the same neighborhood.

Key words: Aldeota; Fortaleza; Whiteness; Racial Segregation; Urban Space.



* GEÍSA MATTOS é professora de Sociologia do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará. Email: geisamattos@ufc.br

A Fortaleza da Branquitude

Aldeia, Aldeota

Estou batendo na porta

Pra lhe aperrear, pra lhe aperrar

Eu sou a nata do lixo

Eu sou o luxo da Aldeia

Sou do Ceará

Ednardo¹

Sentados na grama da praça mais famosa do bairro da Aldeota, tomando cerveja em latinhas, em camisas verde e amarela e cercados de bandeiras do Brasil. Foi assim que centenas de moradores do bairro Aldeota, em Fortaleza, assistiram em dois grandes telões colocados na Praça Portugal, no centro do bairro, à transmissão televisiva da votação do impeachment da então Presidente Dilma Rousseff, em setembro de 2016. Durante toda a campanha que levou à cassação do mandato da Presidente, entre 2015 e 2016, a Praça Portugal encheu-se de grupos pró-impeachment que gritavam “fora Dilma, fora Lula, fora PT” enquanto defendiam “o fim da corrupção” no país. Em algumas manifestações, eles dançavam uma enérgica coreografia com as cores da bandeira nacional pintadas em seus rostos, cantando um *jingle* especialmente contratado para animar a campanha pela deposição da ex-Presidente. Depois da primeira votação do impeachment na Câmara Federal, comemoraram com fogos de artifício e entoando o Hino Nacional. A elite branca de Fortaleza estava ali muito à vontade no seu espaço – físico, social, moral, cultural e ideológico.

A Praça Portugal é uma espécie de “coração da Aldeota”², bairro que em Fortaleza começou a adquirir o significado de status e prestígio social na linguagem dos fortalezenses a partir da década de 1960 (CARVALHO, 1963; DIÓGENES, 2005; PARENTE; 2011; AZEVEDO, 2015; CUNHA, 2016). Partindo da teorização de Lefebvre (2000) sobre a produção social dos espaços urbanos, reflito neste artigo sobre a produção social deste bairro, como lugar que ao ser historicamente produzido por meio de relações sociais, econômicas e políticas, produz também um conjunto de símbolos indissociáveis dos sujeitos que dele fazem parte, de modo que a identidade do espaço e as identidades dos sujeitos estão imbricadas.

Neste artigo, pretendo demonstrar a imbricação entre branquitude, modernidade e a produção do urbano analisando o caso da Aldeota, na capital do Ceará, Fortaleza, nordeste do Brasil. Estou inspirada em Bonnet (2002) para pensar como a modernidade capitalista neoliberal gerou um “urbanismo branco”, que conduz à fixação e naturalização de valores e privilégios, como o próprio processo de racialização.

Estudos que enfoquem a cidade a partir da constituição de espaços de privilégio racial são ainda raros em Sociologia e Antropologia urbanas no Brasil, nos quais predomina a abordagem das desigualdades socioeconômicas, pensadas exclusivamente em termos de classe social. Entre os trabalhos dedicados a analisar a segregação racial em cidades brasileiras – com foco específico na construção de espaços de

¹ Composição *Terral*, do músico cearense Ednardo, gravada em 1973.

² Um *shopping center* localizado em frente à Praça Portugal utiliza como slogan “o coração da Aldeota”, demarcando o caráter central da praça no contexto da geografia do bairro.

branquitude – , destaco os trabalhos de Danilo França (2017, 2020), Suzana Maia (2019) e Ana Ramos-Zayas (2020) por sua importância e pioneirismo.

Ana Ramos-Zayas (2020), em rica etnografia com famílias brancas de classe média alta em Ipanema (Rio de Janeiro) e em El Condado (Porto Rico), identifica o que chama de “nódulos de branquitude” ou, mais especificamente “nódulos de urbanismo centrados nas crianças”, nos quais privilégios de classe e raça são incorporados por meio de uma subjetividade neoliberal, que ganha concretude em práticas de privatização de espaços públicos, políticas de vigilância, policiamento e exclusão acionadas contra não-brancos.

Suzana Maia (2019) analisou o que chama de “espaços de branquitude” em um loteamento residencial de classe média alta na cidade de Salvador, Bahia. Por meio de entrevistas e observação participante, ela capta aspectos estéticos, padrões de comportamento e formas de privilégio advindas da participação em redes sociais exclusivas de moradores brancos e “pardos brancos” em área segregada da cidade, tida como “segura” e “confortável”.

A pesquisa de Danilo França (2017) em São Paulo, trabalhando com microdados estatísticos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), defende que a peculiaridade da segregação no Brasil estaria na articulação entre classe e raça, que ele conseguiu comprovar empiricamente na região metropolitana de São Paulo. Utilizando a mesma metodologia, o autor expandiu sua pesquisa para nove regiões metropolitanas do País, incluindo Fortaleza. Na análise de França (2020), baseada em dados de localização de raça e classe, Fortaleza seria a menos

segregada de todas as capitais analisadas. “Apenas uma região metropolitana foi classificada como sendo de menor separação racial: a de Fortaleza. Trata-se da única metrópole onde prevalece a semelhança nos LISA Maps de grupos de uma mesma classe social” (FRANÇA, 2020, p. 13). Para o autor, a segregação em Fortaleza seria baseada em classe e não em raça, diferenciando-se dos padrões de outras cidades brasileiras, como São Paulo e Salvador, nos quais a segregação racial seria evidente.

Neste artigo, quero apontar outras possibilidades analíticas, a partir de dados qualitativos, que sugerem que a segregação social em Fortaleza é altamente racializada, diferente do que conclui França (2020), cujo estudo é baseado em mapas estatísticos. Sem a pretensão de fazer um estudo comparativo com outras cidades brasileiras, detenho-me na análise das relações raciais entre moradores do bairro Aldeota, na região leste da Fortaleza, característico da branquitude na capital cearense. Analiso a produção histórica e social deste espaço, combinada ao uso de dados etnográficos, a fim de trazer evidências das diferenças nos padrões de moradia e de usos do espaço por negros e brancos no mesmo bairro nesta metrópole.

Informações obtidas através do próprio sistema Sidra, do IBGE, reforçam a tese de alta segregação racial em Fortaleza: uma comparação entre o bairro com maior e menor renda per capita na cidade, mostra que enquanto no Meireles, bairro mais rico, a população branca constitui 64% da população, no Conjunto Palmeiras, o mais pobre, brancos consistem em apenas 22,93%.

A despeito da importância dos mapas estatísticos para identificar processos de segregação socioeconômica e racial,

entendo que as abordagens qualitativas podem fornecer elementos para uma compreensão mais complexa dos processos de subjetivação por meio dos quais identidades raciais se corporificam em espaços urbanos. Em busca da subjetividade envolvida nos modos de dar sentido aos lugares, analiso a literatura produzida por cronistas, poetas, cientistas sociais e urbanistas sobre o bairro Aldeota, complementada por pesquisa de registros sobre o lugar nas mídias sociais digitais contemporâneas. Além disso, utilizo-me de minha própria experiência de quase 50 anos de vida morando na Aldeota ou próximo a este bairro como vantagem metodológica³, que, combinada às molduras teóricas dos estudos críticos sobre branquitude, obtidas na trajetória de pesquisas sobre racismo⁴, tem me permitido adquirir novas ferramentas para “estranhar o familiar” (DAMATTA, 1987; VELHO, 1999), sendo eu mesma parte deste espaço como mulher branca de classe média alta, embora não compartilhe das posições político-ideológicas-eleitorais de boa parte desta elite.

Parto de um conceito de branquitude que vai além da cor da pele, cabelos e outros traços fenotípicos, entendendo

que estes são de fato centrais para identificar raça no Brasil (NOGUEIRA, 2006), mas não são exclusivos, pois a eles se soma um conjunto de práticas e performances pelas quais “privilege and lack-of-privilege are internalized bodily” (CERON-ANAYA, 2016, p. 2)⁵. Além disso, compreendo branquitude de modo mais amplo como parte de um projeto político neoliberal, seguindo a perspectiva teórica de Ana Ramos-Zayas ao analisar famílias brancas em Ipanema e El Condado.

Rather than viewing residents of these neighborhoods as representative of liberal elites, however, I view the spaces they inhabit as representative of such liberal elitism in their respective countries. The privileged unit of analysis here is the neighborhood, while moving across a scale of mutually constitutive imaginaries, including the individual, family, household, nation, and beyond (RAMOS-ZAYAS, 2020, p. 28)⁶.

Neste sentido, como mostrado na cena que descrevi no início deste artigo, o chamado “pacto narcísico da branquitude” (BENTO, 2002) é configurado de modo político mais amplo, engajado no sentido de expurgar

³ Nasci no Rio de Janeiro e a Aldeota foi o primeiro bairro onde morei em Fortaleza, a partir dos sete anos de idade, quando era ainda um bairro emergente para as famílias de classe média branca, como a minha, naqueles anos 1970. Mesmo tendo mudado para bairros próximos, a partir da adolescência, tenho vivido em torno deste lugar durante a maior parte dos meus 53 anos de vida.

⁴ Venho pesquisando racismo e movimentos antirracistas desde o pós-doutorado, realizado entre 2015 e 2016 no PhD Program in Sociology, City University of New York. A partir de 2019, passei a tomar a branquitude como foco em minhas pesquisas, especialmente após intercâmbio na Universidade de Yale (2020-2021).

⁵ “Privilégio e falta de privilégio internalizadas corporalmente” (tradução da autora). Hugo Ceron-Anaya (2006), em sua etnografia com grupos de homens brancos de classe média alta praticantes de golfe na Cidade do México, partindo do referencial teórico-metodológico de Bourdieu, com os conceitos de habitus e de campo, fornece importantes insights para a compreensão de branquitude como performance “incorporada”.

⁶ Mais do que ver os residentes destes bairros como representativos das elites liberais, no entanto, vejo os espaços que eles habitam como representativos deste liberalismo elitista em seus respectivos países. O bairro é a unidade privilegiada de análise, enquanto se move uma escala que vai do indivíduo à família, casa, nação e além [tradução da autora].

as políticas de inclusão social dos governos petistas no Brasil. Este projeto político, no dia-a-dia, gera diversas formas de violência para a população não-branca, enquanto indivíduos brancos “em situação local” são vistos como “naturalmente” pertencentes a ambientes de conforto material e “segurança”.

Branco de Fortaleza podem ser considerados “menos brancos” do que brancos de São Paulo, mas adquirem *status* e performances de brancos no contexto local quando comparados à maioria de pardos e pretos que vive nas periferias da cidade. Do mesmo modo, comparativamente, brancos de São Paulo são tidos como “latinos” pelas populações brancas europeias ou do Norte Global. No entanto, por meio de práticas e discursos da “branquitude cosmopolita”, seja em Fortaleza, São Paulo, Nova York ou Berlim, o racismo se torna uma realidade concreta na cidade “anti-negra” (ALVES, 2018)⁷.

Significados de Aldeota e “aldeotização”

Fortaleza tem a quinta maior desigualdade de renda da América Latina (ONU, 2012). Dos seus 2,6 milhões de habitantes, 1,09 milhão vive em situação de extrema pobreza, sobrevivendo com 89 reais (cerca de 16 dólares) por mês (Ministério da Cidadania, 2019)⁸. De acordo com o

IBGE, em 2017, 10% da população do Ceará concentrava 44,7% de toda a riqueza local. Enquanto 6,8% dos bairros de Fortaleza têm alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), 28% têm IDH baixo e 23% possuem muito baixo (Anuário do Ceará, 2019/2020).

O bairro de maior concentração de brancos e ricos hoje é o Meireles⁹ (IDH 0,953), situado à beira-mar, porém o bairro com segundo maior IDH, a Aldeota (0,867) ainda é referencial para tudo o que é “de qualidade” na cidade (CUNHA, 2015, p.50). Aldeota aparece na gramática local como substantivo plural alargado metonimicamente para além de suas fronteiras na cartografia oficial, significando todas as áreas de prestígio na zona leste da cidade – em contraposição à zona oeste, onde se concentram a maioria da população que vive em condições mínimas de sobrevivência. Tudo o que se encontra “lá pelas Aldeotas” (CUNHA, 2015, p. 50) é supostamente superior. Na canção que o músico cearense Ednardo compôs em 1973 e utilizei como epígrafe, o bairro aparece também em forma metonímica como o “luxo da Aldeia” ao mesmo tempo em que é ironizada como “a nata do lixo”. O compositor, incomodado naquela época com a segregação social na cidade, provocava, usando a linguagem local: “estou batendo na porta pra lhe aperrear”.

Dos anos 1970 até 2021, a segregação socioeconômica e racial no espaço da cidade só aumentou. De acordo com o mapa oficial da cidade, Aldeota faz fronteira com os bairros Meireles (ao norte), Dionísio Torres e Joaquim

⁷ Jaime Alves (2018) analisa criticamente a literatura produzida sobre segregação espacial nas cidades brasileiras, que tendem a relativizar o papel da raça. Analisando a cidade de São Paulo, o autor defende que aspectos econômicos, por si, não explicam a “cidade dos muros”. Alves nos estimula a pensar a quem serve a produção do favelado/negro como inimigo.

⁸ COELHO, Ingrid. “No Ceará, 31,7 mil pessoas entraram na extrema pobreza”. Diário do Nordeste, 31 de agosto de 2019. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/no-ceara-31-7-mil-pessoas-entraram-na-extrema-pobreza-em-2019-1.2135417>

⁹ Atualmente o Meireles é o bairro com maior renda per capita em Fortaleza, com R\$ 3.659,00 (IPECE, 2012).

Távora (ao sul), Varjota e Cocó (ao leste). Embora cada um destes bairros tenha suas características peculiares, esse conjunto por vezes é chamado na linguagem local como “as Aldeotas” representando os menos de 7% que possuem o IDH mais alto na cidade (0,7 a próximo de 1).

Aldeota é usada como advérbio – a “aldeotização” da cidade¹⁰ significando a expansão de certos modos de apropriação do território pelas elites. No começo do século XX estes “novos ricos” eram tratados com certo desprezo pelos intelectuais da época. Outros habitus de classe os diferenciavam do “projeto civilizador” que originara o antigo centro da cidade, na passagem do século XIX para o século XX, inspirado nos ideais do urbanismo e da cultura francesa (PONTE, 2010). Naquele período, as narrativas dos intelectuais, expressavam os conflitos em torno da legitimação de uma branquitude que trazia outras formas de afirmação de status, menos baseadas no capital cultural e mais no capital econômico e na ostentação de riqueza.

Contemporaneamente, a Aldeota não é mais considerada bairro dos “novos ricos” – com tudo o que o termo carrega de desprezível para os intelectuais brancos, admiradores da cultura europeia. Atualmente são poucos os milionários da capital cearense que ainda moram no bairro – a maioria hoje está no Meireles – mas a Aldeota ainda assim continua desempenhando um papel central na definição das novas tendências de luxo e status em

Fortaleza, para as quais agora uma “branquitude cosmopolita” mobiliza e dinamiza novos capitais culturais que se somam aos capitais econômicos e simbólicos (BOURDIEU, 1989).

Apesar das diferenças internas entre os tipos de branquitude local, “ser da Aldeota” é ser reconhecido como alguém que incorpora certo habitus de classe (BOURDIEU, 1989), ou, que – não apenas por ter determinado fenótipo, como pele clara e cabelos lisos – mas por desempenhar convenientemente uma performance da branquitude (HEINZ, 2019, p. 184) é “bem-visto e bem aceito” em lugares onde um “não branco”, morador da periferia, dificilmente ousa entrar, como lojas e restaurantes caros, ou quando entra é visto com desconfiança e passível de sofrer violências. Os/as brancos/as locais - a despeito de suas variações - combinam o fenótipo a certo jeito de falar, certa linguagem, certas escolhas sobre o que comer e beber que são imediatamente reconhecidas como adequadas aos “espaços da branquitude”.

Tais performances são permanentemente reatualizadas, tendo como referência tanto as especificidades do urbanismo local, quanto suas conexões com o avanço do capitalismo neoliberal, e com a incorporação da cidade no mercado do turismo global. Como veremos, um aspecto relevante desta mudança de habitus da branquitude local no final do século XX e século XXI passa a ser a assimilação de um modo de acumulação capitalista altamente predatório em relação ao meio-ambiente e destruidor tanto de antigos referenciais de “cultura letrada” inspirados na Europa, quanto da cultura popular. Este novo padrão é também gerador de novas e sofisticadas formas

¹⁰ Paulo Linhares (2013, p. 85) se refere ao “fenômeno de aldeotização” que veio modificar o projeto de cidade iniciado entre 1875 e 1888, de inspiração francesa, com um plano xadrez e avenidas chamadas de boulevards, que formavam uma espécie de cinta em torno do antigo centro.

de consumo e de produção do espaço para as elites.

Apresentarei a seguir um panorama geral dos processos de racialização na cidade, problematizando as diferentes formas pelas quais os negros ora são tidos como ausentes na cidade, ora são alvo de violências de diversos tipos. Seguirei tratando das formas de acumulação de riqueza local, interessada em especial em compreender como as elites construíram seus patrimônios materiais e seus modos de influência social e política, ao mesmo tempo em que produziram seu lugar na cidade. Finalizarei apresentando símbolos icônicos do dinamismo e da atualização da Aldeota como “vitrine de Fortaleza” no mercado de cidades globais, enquanto a presença de negros continua invisibilizada, indesejada e alvo de violências.

Um bairro de “novos ricos”

O ar fresco vindo da praia, o murmúrio do mar que se ouvia ao longe, inúmeras árvores frutíferas e a tranquilidade de viver longe das levas de migrantes vindos do interior do Estado, empurrados pelas secas frequentes, que chegavam à cidade pela zona oeste: estes eram os principais atrativos para as primeiras famílias ricas se instalarem ao leste da cidade, ultrapassando o limite imposto pelo riacho Pajeú. Primeiro era o antigo bairro do Outeiro, que depois passou a ser conhecido como Aldeota (DIÓGENES, 2005). Sobre a origem do nome, tanto Carvalho (1963) quanto Azevedo (2015) citam a narrativa do jornalista e historiador João Brígido, segundo a qual este se deve a uma pequena aldeia (povoado) indígena – uma aldeota – que havia no lado leste do riacho Pajeú antes da colonização portuguesa.

Os primeiros a se mudar para a zona leste não eram as famílias consideradas tradicionais que habitavam o centro ou a zona oeste – “era gente de cujos bens pouco se sabia a origem” (CASTRO, 1987, p. 244). No levantamento que Sânzio Azevedo (2015) fez sobre obras de literatura cearense do século XX nas quais a Aldeota é abordada, encontra-se um misto de fascínio e crítica nas descrições de poetas e romancistas. O surgimento da nova centralidade da Aldeota representava o progressivo abandono do antigo centro e com ele o de um projeto de cidade, com que grande parte dos intelectuais da época se identificavam. Analisando esta literatura, Sânzio Azevedo (2015, p. 29) constata “certa antipatia que esse bairro tem despertado em vários intelectuais”, como os escritores Milton Dias e Jader de Carvalho.

A origem da riqueza dos “novos-ricos da Aldeota”, ao ser descrita no romance-reportagem *Aldeota* do jornalista Jader de Carvalho (1963), provocou incômodo nas elites locais na década de 1960, ao ponto de o principal jornal da época na cidade, *O Unitário*, ter silenciado sobre o lançamento da obra (PARENTE, 2011). O romance narra, por meio do protagonista Chicó, como algumas fortunas fortalezenses se formaram por meio do contrabando de carnaúbas, de linho e peles silvestres: “a famosa, a riquíssima Aldeota de hoje, onde se apregoam terrenos de luxo, nasceu do contrabando organizado, do subfaturamento crônico, de toda sorte de sonegação de impostos” (CARVALHO, 1963, p. 287).

No entanto, não foi somente a elite da Aldeota que surgiu como fruto do contrabando e do subfaturamento crônico, como denunciou Jader de

Carvalho¹¹ A riqueza que produziu o centro urbano em Fortaleza desde suas origens é marcada pelo comércio repleto de ilegalidades no final do século XIX de africanos escravizados – que eram embarcadas a partir do porto da capital para outras províncias. O historiador Hilário Ferreira Sobrinho (2009, p. 67) identificou que três dos cinco fundadores da Associação Comercial do Ceará, criada em 1868, eram ligados ao comércio de escravos e que estes tiveram muita influência na política local.

Enquanto o antigo centro de Fortaleza vivia o auge de seu projeto de “amorfoseamento” de inspiração francesa, com ajardinamento de praças e criação de *boulevards*, a origem da riqueza material que em grande parte financiou a modernização da cidade era baseada no tráfico de escravos, como demonstra Ferreira Sobrinho (op. cit.). Entre 1877 e 1879, auge do período da chamada “Fortaleza Belle Époque” (PONTE, 2010), o comércio de cativos era uma das principais fontes de riqueza numa economia dizimada pelas secas no interior do Estado do Ceará (FERREIRA SOBRINHO, 2009, p. 52).

A “presença-ausência” afrodescendente na cidade

A despeito das evidências levantadas em pesquisas de historiadores sobre a presença de afrodescendentes escravizados ou semi-escravizados no Ceará ainda no final do século XIX e começo do século XX (RIBARD e FUNES, 2020; MARQUES, 2013; FERREIRA SOBRINHO, 2019), a ideia de que os negros não fizeram parte da matriz de formação da população

cearense permanece como mito fundacional em grande parte das narrativas sobre a história do Estado e de sua capital. A população nativa indígena, por outro lado, é vista como a que mais fortemente contribuiu para a “mestiçagem” cearense. O apagamento dos negros na formação étnica do Ceará foi disseminado por historiadores e intelectuais brancos na passagem do século (ver SERAINE, 1978; GIRÃO, 1956). No entanto, de acordo com o Censo 2018, 65,7% dos cearenses (5,9 milhões) se autodeclararam pardos, embora o Estado tenha a menor proporção de pretos da região Nordeste: 5,3% em 2018. Se “pardo” é uma categoria intermediária e flutuante, quem é branco em Fortaleza?

No clássico “Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil” (1979), Carlos Hasenbalg argumenta que pardos estão muito mais próximos de pretos quando se consideram os efeitos estatísticos de discriminação racial no País. Nas favelas brasileiras, há um dito popular segundo o qual “se você não sabe se é negro ou branco, a polícia sabe”. A “anti-negritude” em Fortaleza é reconhecida em momentos de violência policial, produtora de assassinatos, prisões e torturas. O Atlas da Violência 2019 revela que entre 2007 e 2017, 75% das 37.775 pessoas assassinadas no Ceará eram negras.

Há, entretanto, muitas outras formas cotidianas de violência que permanecem invisibilizadas em lugares de brancos como a Aldeota. As formas de violência vivenciadas no cotidiano pela população de cor escura aparecem disfarçadas pela ideia de que a cidade é “democraticamente mestiça”. Por exemplo, as casas de forró seriam espaços da cidade onde supostamente diferenças de classe e raça conviveriam bem, tendo em vista que em lugares

¹¹ Carvalho não cita os nomes verídicos, mas situações reais nas quais os contrabandistas fizeram crescer suas fortunas na cidade (PARENTE, 2011)

deste tipo se veem jovens brancos ricos chegando em carros importados, usando celulares caros e esbanjando roupas de grife, ao mesmo tempo em que outros chegam de transporte coletivo e roupas populares (SANTOS, 2014). Em etnografia sobre “mulheres forrozeiras” em Fortaleza, Luana Santos (2014) observou mulheres brancas se queixarem de que “o lugar está muito misturado”, referindo-se à presença de mulheres negras. Estas mesmas mulheres brancas criticavam as negras dançando funk em uma casa de forró elitista da cidade: “é tudo piriguete”. “Rapariga” e “piriguete” são algumas das denominações utilizadas para discriminar mulheres negras em espaços frequentados pela elite branca da cidade, que refletem as violências do racismo cotidiano.

Já os homens negros, ao frequentarem a Aldeota, correm o risco permanente de serem acusados de terem “roubado” algo, como ocorreu recentemente em uma hamburgueria no bairro, onde um jovem universitário foi chamado de “neguinho safado ladrão” por uma mulher que o acusou de ter roubado o seu celular, tendo depois o encontrado na própria bolsa¹². A elite branca da cidade representa a si própria sob ameaça constante do “medo da violência”¹³. Embora sejam os negros e

pobres três vezes mais vitimados pelos homicídios na cidade (CERQUEIRA et. al., 2019), quando a vítima é uma pessoa branca “das Aldeotas”, a elite se mobiliza ruidosamente por “mais segurança”, e isso significa mais violência contra os negros. Depois do assassinato de uma estudante universitária branca durante um assalto em 2018, o jornalista Fábio Campos, um dos ideólogos do movimento “Fortaleza Apavorada”, responsável por reunir as elites brancas locais em passeatas na beira-mar “em nome da segurança” em 2013, reconheceu: “É claro que o fator classe média influencia. É uma questão de empatia e proximidade social que faz valer a sensação de que você e os seus podem ser as próximas vítimas. É evidente que tais circunstâncias são fatores que mobilizam” (CAMPOS, 2018). Ou seja, se “não for você e os seus” não há empatia da classe média branca. Quando os assassinados são negros, não há mobilização efetiva por parte das elites.

A contemporânea Aldeota e os seus lugares icônicos de status e poder

As primeiras mansões “criminosamente brancas” (CARVALHO, 1963) surgidas na Aldeota na primeira metade da década de 1960 foram sendo substituídas no final do século XX e começo do século XXI por edifícios de concreto e vidro mais e mais altos, até chegar hoje a muitos deles com mais de 20 pavimentos. Nesta avalanche destruidora do capital, o bairro foi ganhando densidade, perdendo as luxuosas residências unifamiliares cercadas de verde, ao tempo em que se verticalizava em edifícios multifamiliares, prédios comerciais e diversos *shoppings centers*.

Já entre as décadas de 1950 e 1970, quando a Aldeota começa a se

12

Fonte:

<https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2016/07/jovem-alega-ter-sido-vitima-de-racismo-e-acusado-de-roubo-em-hamburgue.html>

13 Em 2013, moradores de bairros de elite da cidade organizaram um movimento chamado “Fortaleza Apavorada” a fim de “denunciar” e “combater” a violência da qual se sentiam vítimas. Um dos articuladores do movimento era o jornalista Fábio Campos, que expressou a origem e ideologia do movimento em artigo publicado no jornal “O Povo” em 2018. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/fabio-campos/2018/04/fortaleza-apavorada.html>

consolidar como bairro da elite, os empresários que mais influenciaram a dinâmica urbana da cidade foram os do setor imobiliário, em acordos com políticos e gestores públicos, tipicamente patrimonialistas. Em livro no qual analisa o papel exercido pela fração preponderante do capital imobiliário neste período – os loteadores de terras urbanas – Giovanni Moreira (2019) demonstra, a partir do estudo de caso da imobiliária João Gentil S/A, como os “favorecimentos, o uso oportuno de informações restritas num determinado momento aos membros da administração pública” vieram a criar o imenso patrimônio da família Gentil em Fortaleza – que junto com outros dois grupos empresariais familiares da cidade (Patriolino Ribeiro e Waldir Diogo), dominaram o mercado de terras e o processo de expansão urbana local. No Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município de 1992, a Aldeota recebe tratamento preferencial na implantação de infraestrutura em setores adensados na área, o que beneficia um pequeno grupo de investidores imobiliários locais (DIÓGENES, 2005).

Um monumental e arrojado edifício que custou meio bilhão de reais, com design em forma de jangada, domina a paisagem de uma das principais avenidas do bairro, a Desembargador Moreira desde setembro de 2019. O edifício pertence a uma das empresas imobiliárias mais influentes na Aldeota contemporânea, a BSPar Incorporações, do empresário Beto Studart. O prédio, com 21 pavimentos, é equipado com dois hubs aéreos, 26 elevadores e 1500 vagas de estacionamento. De acordo com a descrição de Beto Studart, um “ambiente de luxo, no sentido que oferece conforto, beleza, modernidade e funcionalidade”. Em linha perpendicular ao edifício, no mesmo

quadrilátero, está situada a Praça das Flores, na qual a BSPar investiu 4 milhões de reais, em uma “parceria público-privada” com a Prefeitura de Fortaleza (SOUSA 2021).

A Praça das Flores e a Praça Portugal são hoje os únicos espaços “oficialmente” públicos existentes na Aldeota – embora ambos tenham formas de uso e controle restritas - tanto pelo poder público quanto pelas empresas que dominam aquele território¹⁴ com a produção de paisagens de poder (ZUKIN, 2000). Enquanto espaços destinados à branquitude, assegura-se à elite que usufrui destas praças a “segurança, conforto e tranquilidade” da “boa vida cosmopolita”.

Invisibilidade, incômodos e o “não lugar” dos negros no bairro dos brancos

Os lugares “públicos-privados” da Aldeota estão sempre ameaçados de serem “invadidos” por habitantes não-brancos indesejáveis. Pesquisando os usos que jovens de diversos bairros da cidade faziam da Praça Portugal entre 2009 e 2010, Tiago Cunha (2016) encontrou alguns jovens que “habitavam a Aldeota sem ser da Aldeota”, em situação paradoxal:

Eles pareciam vir de tão perto, ao ponto de virem caminhando, mas atravessavam locais onde aparentemente não eram bem-vindos até chegarem ao seu destino, como se fossem invasores. A minha pergunta pode ter sido efusiva, pois além do barulho que os jovens faziam entre si e ao encontrarem com amigos no local, tive que gritar – “De que bairro vocês são?” –

¹⁴ Sobre os usos da Praça das Flores pela elite branca de Fortaleza ver a dissertação de Macedo Sousa, pioneira em uma abordagem crítica da branquitude na cidade (2021).

antes de perdê-los em meio aos outros, um deles respondeu, gritando: “Nós somos das Quadras”, seguido de vaias de seus companheiros e de outros frequentadores. Os moradores das Quadras seriam o outro dentro do mesmo? (CUNHA, 2016, p. 54).

O “outro” dentro da Aldeota ao qual Cunha se refere são os moradores da chamada “Comunidade das Quadras” ou “Favela das Quadras”, oficialmente “Conjunto Habitacional São Vicente de Paula” pequena vila que resiste na área há mais de 50 anos (ASSUNÇÃO et.al., 2012), situada bem ao lado de uma das escolas particulares mais caras e tradicionais de Fortaleza, o Colégio Santa Cecília. É muito significativo para a dinâmica da segregação racial na cidade que estes habitantes das Quadras, mesmo oficialmente morando no bairro, “não são da Aldeota” e não são bem-vindos pelos moradores do entorno, tampouco em seus espaços públicos mais “caros”, como a Praça Portugal.

Uma das principais lideranças do movimento negro no Brasil, o presidente da Central Única de Favelas (CUFA) Preto Zezé viveu grande parte de sua vida na Aldeota, mas é como se a Favela das Quadras, onde morava, fosse um “enclave” dentro do bairro, e não parte deste. Em entrevista ao jornalista Bob Fernandes¹⁵, ele narrou sobre sua descoberta de si como negro por meio de participação em movimentos como o *hip-hop* dentro das Quadras e contou como vê a negação da existência de negros no Ceará: “o racismo à brasileira se manifesta de maneira diferente; ele é de um jeito em São Paulo, de um jeito no Rio, de um jeito na Bahia e de um

jeito em Pernambuco. No Ceará, a base do discurso do racismo era dizer que não tinham negros, simplesmente, ‘não, não tem negro aqui, não aqui não tem nem cana de açúcar, então não tem negro aqui’”.

Se os negros são “invisíveis” na cidade, ou tidos como inexistentes, é interessante notar que eles produzem incômodos na branquitude quando ocupam espaços tipicamente de brancos. Na mesma entrevista, Zezé conta que foi “confundido” com um “entregador” ao chegar para um encontro com um empresário em uma torre comercial luxuosa da Aldeota:

Eu fui um dia à recepção de um empresário aqui do Ceará, eu estava na fila aqui esperando pra passar, e aí o cara grita lá da outra ponta, “ei parceiro, entrega é aqui desse lado”, e eu ia pra uma reunião com o dono da empresa. Pô, tu imagina. Daqui a pouco sai o chefe da segurança que anda com o cara, “Preto Zezé, fulano tá lhe chamando”, rapaz, esse cara olhou pra mim com uma cara, sem um pinga de sangue, em desespero, “eu vou até conversar com ele, com o pessoal dos Recursos Humanos de vocês, pra o pessoal começar a se acostumar”, e eles ouvindo, né, “pessoal aqui da segurança, da recepção, nem todo preto que vem aqui nessa torre empresarial vem entregar não, viu! Às vezes vem reunir com o dono da torre (ZEZÉ, 2021).

Enquanto negros não são bem-vindos quando frequentam “como se fossem brancos” a Praça Portugal (CUNHA, 2016), o lugar foi se estabelecendo a partir de 2015, cada vez mais, como o espaço por excelência da elite. Foi ali que grupos pró-*impeachment* de Dilma Rousseff se reuniram para suas manifestações e onde fizeram campanha para eleger o candidato de extrema-direita Jair Bolsonaro em 2018. Sempre

¹⁵ Entrevista concedida a Bob Fernandes em 14 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1V64z2hYpBI> Acesso em: 9 jul. 2021.

muito à vontade, tomando as ruas do entorno em seus trajes verde-amarelos, eles celebraram o fim dos governos petistas e de suas políticas sociais que trouxeram direitos sociais à população que “não é da Aldeota”.

Enquanto isso, a população negra “invisível” pode ser notada no bairro aglomerada nos pontos de ônibus, de forma “naturalizada” indo e voltando dos seus lugares de moradia localizados na periferia da cidade, trabalhando como empregadas domésticas dentro dos apartamentos, como porteiros dos edifícios, garçons, trabalhadores da construção civil. Pode ser vista também “incomodando” a estética da branquitude local, com as roupas estendidas para secar na calçada em frente à comunidade das Quadras, empurrando pesados carrinhos de mão com os restos do lixo da elite que levam para vender, ou vagando por ali, mendigando, vigiados atentamente pelos seguranças fardados e armados, em situações de tensão sempre possíveis de explodir.

Com este breve estudo sobre a Aldeota, quero sugerir que um olhar atento sobre as dinâmicas do racismo com base em etnografias, entrevistas em profundidade com moradores de bairros de elite e releituras da literatura produzida sobre estes lugares, quando associados aos mapas estatísticos, podem revelar uma complexidade bem mais ampla sobre a segregação racial nas cidades brasileiras.

Agradecimento

Agradeço às importantes contribuições de Ana Ramos-Zayas (Professora da Universidade de Yale) para este artigo, bem como ao apoio financeiro e à acolhida que recebi do *Center for the Study of Race, Indigeneity, and*

Transnational Migration durante meu intercâmbio na Universidade de Yale, de dezembro de 2019 a março de 2020. Sou grata também ao meu orientando Fábio Macedo (Mestre em Sociologia e Doutorando pelo PPGS/UFC), pelas trocas de ideias, bibliografia e inspiração para pensar sobre a branquitude da Aldeota.

Referências

ALVES, Jaime. **The Anti-Black City**. Police Terror and Black Urban Life in Brazil. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, 2018.

AZEVEDO, Sânzio de. **Aldeota**. Fortaleza: Secultfor, 2015.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. Tese - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

BONNETT, Alaistair. The Metropolis and White Modernity. **Ethnicities**. Vol 2(3): 349–366, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

CAMPOS, Fabio. Fortaleza Apavorada. **O Povo**, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/fabio-campos/2018/04/fortaleza-apavorada.html>

CARVALHO, Jader de. **Aldeota**. São Paulo: Exposição do Livro, 1963.

CERON-ANAYA, Hugo. Not everybody is a golfer: Bourdieu and affluent bodies in Mexico. **Journal of Contemporary Ethnography**, v. 46, n. 3, p. 285-309, 2015.

CUNHA, Tiago. “Em pleno coração da Aldeota”: usos e conflitos em torno da Praça Portugal. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - PPGS, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2016.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**. Uma Introdução à Antropologia Social. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

DIÓGENES, Beatriz. **O Bairro da Aldeota como expressão da dinâmica intra-urbana de Fortaleza**. Dissertação (Mestrado em

Arquitetura e Urbanismo) -Universidade de São Paulo. São Paulo, 2005.

FERREIRA SOBRINHO, José Hilário. Sociabilidade e solidariedade dos negros livres e escravos no Ceará do Séc. XIX. **DOCUMENTOS** - Revista do Arquivo Público do Estado do Ceará: Afro-brasileiro. 1. ed. Fortaleza: Secretária de Cultura do Estado do Ceará, v.1, p. 91-121, 2009.

FRANÇA, Danilo. **Segregação racial em São Paulo: residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI**. Tese - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

_____. Segregação racial em regiões metropolitanas brasileiras. ANPOCS, GT-35 Relações Raciais: desigualdades, identidades e políticas públicas, 2020.

GIRÃO, Blanchard. **Sessão das Quatro: cenas e atores de um tempo mais feliz**. Fortaleza: ABC Fortaleza, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **La production de l'espace**. 4. ed. Paris: Editions Anthropos, 2000.

HEINZ, Sarah. Homemaking practices and white ideals in Ian McEwan's Saturday and Chimamanda Ngozi Adichie's Purple Hibiscus. In: KINDINGER, E.; SCHMIT, M. **The Intersections of Whiteness**. London: New York, Routledge, 2019.

LINHARES, Paulo. **Cidade de água e sal**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque** – reforma urbana e controle social (1860 – 1930). 4. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2010.

MAIA, Suzana. Espaços de branquitude: segregação racial entre as classes média em Salvador, Bahia. **Século XXI** - Revista de Ciências Sociais, v. 9, n. 1, p. 253-282, jan./jun. 2019.

MARQUES, Janote. A Invisibilidade do Negro na História do Ceará e os Desafios da Lei 10.639/2003. **Unisul**, Tubarão, v. 7, n. 12, p. 347-366, jun./dez. 2013.

MOREIRA, Francisco Giovanni Pimentel. **O Capital Imobiliário e a Produção Urbana de Fortaleza**: estudo de caso para o período de

1950-1970. 108f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2004.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 19, n. 1, p. 287-308, nov. 2006.

PARENTE, Tiago. Literatura e jornalismo feitos para punir: Jader de Carvalho e o silêncio sobre o romance Aldeota. **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Maceió: Intercom, 2011.

RAMOS-ZAYAS, Ana Y. **Parenting Empires: Class, Whiteness, and the Moral Economy of Privilege in Latin America**. London: Duke University Press, 2020.

RIBARD, Franck; FUNES, Eurípedes. Fortaleza, uma cidade negra na Terra da Luz. In: FUNES, Eurípedes A.; RODRIGUES, Eulo Fagner Silva; RIBARD, Franck (Orgs.) **Histórias de Negros no Ceará** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

SANTOS, Luana. **As Negociações de Gênero e o Mundo do Forró Pé-de-Estrada**. As forrozeiras nas festas de forró em Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2014.

SOUSA, Antonio Fábio Macedo de. "Um lugar muito de branco": performances de classe e raça na Praça das Flores em Fortaleza. Dissertação de Mestrado em Sociologia. PPGS/UFC, 2021. Acesso em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/59123>

VELHO, Gilberto. Observando o Familiar. In: _____. **Individualismo e Cultura**. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

ZEZÉ, Preto. [Entrevista concedida a] Bob Fernandes, **YouTube**, 14 jan. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IV64z2hYpbI> Acesso em: 9 jul. 2021.

Recebido em 2021-07-20
Publicado em 2022-04-01